

F
013.2
M527
EX2

ARNON DE MELLO

SENADOR DA REPÚBLICA

**PROBLEMA
DE ALIMENTAÇÃO
E NUTRIÇÃO**

BRASÍLIA — DF

ARNON DE MELLO

SENADOR DA REPÚBLICA

**PROBLEMA
DE ALIMENTAÇÃO
E NUTRIÇÃO**

BRASÍLIA — DF

**DISCURSOS DO SENADOR ARNON DE MELLO
PUBLICADOS:**

Energia Nuclear
Desenvolvimento Científico e Tecnológico
Pesquisa
Emigração de Cientistas
Cientistas-meninos
Ciência e Democracia
Brasil: Passado e Presente
Rondon, Telecomunicação e Desenvolvimento
A Transamazônica e o Desenvolvimento do Nordeste
América Latina: Educação e Progresso
Problemas de Educação
Resposta ao Senador Edward Kennedy
Alagoas, Petróleo e Petrobrás
Pelé no Senado
Pensamento e Ação
Três Alagoanos
Chefes de Estado
Vereadores
Governo e Oposição
Missão de Governo
Açúcar: Fator de Equilíbrio da Unidade Nacional
Nova Política do Açúcar
Açúcar Ontem e Hoje
Disparidade entre o Norte-Nordeste e o Centro-Sul
Problemas do Nordeste
Desigualdades Regionais e Legislação Tributária
Participação do Poder Legislativo na Evolução do Brasil
Problema de Alimentação e Nutrição
Uma Experiência de Governo

Sr. Presidente: (*)

Submeteu o Sr. Presidente da República ao exame do Congresso Nacional projeto de lei que cria o Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição. A Exposição de Motivos que o acompanha reconhece “o estado de desnutrição de grande parcela da população brasileira” e ressalta que “estudos e pesquisas alimentares e nutricionais revelaram que o consumo diário **per capita** no Nordeste é de apenas 1.400 a 2.000 calorias e somente 36 gramas de proteínas quando a média brasileira alcança cerca de 2.500 calorias e 66 gramas de proteínas”. Acentua ainda a Exposição de Motivos, assinada pelos Srs. Ministros do Planejamento, da Saúde, da Educação e do Trabalho, que “em quatro cidades brasileiras (São Paulo, Recife, Ribeirão Preto e Franca), a desnutrição está ligada, como causa primária ou associada, a entre 51% e 69% dos óbitos nos cinco primeiros anos de vida da criança”.

É o próprio Governo que, tocado na sua sensibilidade, aponta o quadro estarrecedor, e manifesta, por ato, a determinação de melhorar-lhe as cores negras. Já há numerosos órgãos federais cuidando do grave problema, entre os quais — de administração direta — sete Ministérios, e, de administração indireta, autarquias, empresas públicas, sociedades de economia mista, fundações, órgãos dos Estados, Territórios e Municípios e outros que colaboram com a administração federal, além de entidades e empresas privadas.

Mas o novo Instituto, como diz a Exposição de Motivos, é “órgão promotor, de ação flexível e dinâmica, com atribuições sobretudo técnico-normativas, que vem dar sentido orgânico à atuação de todos estes órgãos”, e, de acordo com o projeto, realizará inventários sobre utilização de alimentos com a finalidade de verificar as deficiências na quantidade deles bem como nas suas qualidades, na sua composição química e nos seus processos de preparo. Terá, assim, função eminentemente educativa e normativa.

(*) Discurso pronunciado na sessão do Senado Federal de 8 de novembro de 1972, em Brasília.

Muito importante, realmente, é a implantação entre nós de uma política de educação nutricional que alcance o ser humano desde o nascimento ou, antes, desde a sua gestação, tão extensas e profundas são as suas raízes. Matrizase, sem dúvida, na educação o problema nutricional, que se liga por certo à questão da disponibilidade financeira, das rendas de cada um, mas também à orientação quase diria técnica que se lhes imprima, ao problema como às pessoas. Precisamos, de fato, antes de tudo, ensinar o brasileiro a comer, o que requer difundir o mais amplamente possível a educação nutricional.

CALORIAS

Diga-se de início que a desnutrição, embora constitua, sobretudo, um problema de pobreza — haja vista como se eleva a ingestão de calorias, proteínas e gorduras à medida que crescem os rendimentos familiares —, afeta também, em nosso País, outras classes sociais. Por despreocupação e desconhecimento do valor dos alimentos e também das necessidades orgânicas — pobres, remediados e ricos se alimentam mal, ainda que porventura comam muito e até em excesso, porque comem alimentos de baixo teor nutritivo. Inquérito recente conclui que “há subnutrição humana em todas as regiões do País” (Diagnóstico da situação alimentar no Brasil. Dr. Walter Silva, 1968), e pesquisa feita há pouco no Grande São Paulo evidenciou que “mesmo entre as classes abastadas a ignorância no que toca ao valor dos alimentos é profunda”.

Estudos e estatísticas da Fundação Getúlio Vargas comprovam, por outro lado, que, mais do que no campo das proteínas, tão essenciais sobretudo às crianças, às gestantes, às nutrízes e lactentes, e de que são fartos o leite e a carne, é especialmente no campo das calorias que se situam as maiores carências nutricionais dos brasileiros. Segundo tais estatísticas, de 1960, 27 milhões de brasileiros — 38,5% da nossa população, que naquele ano era de 70.967.000, — estão abaixo do consumo mínimo diário de calorias, fixado como padrão internacional, que é 2.450, e carentes de calorias 75,4% da população do Nordeste; 37,6% da população do Leste e 28,8% da população do Sul.

PROTEÍNAS

Quanto a proteínas, a situação é melhor, porque embora classes de renda mais baixa, em qualquer das regiões, não as consumam em quantidade suficiente nem com a composição de aminoácidos em proporção adequada, a carência é mais reduzida; no Nordeste, 20,4% da população (4.336.000 pessoas), sendo a

média de ingestão diária de proteínas de 73,3 gramas, isto é, 42,5 gramas de origem vegetal e 30,8 gramas de origem animal; no Leste, de 79% (1.972.000 pessoas) com a média de 73,2 gramas, ou seja, 45,5 de origem vegetal e 27,7 de origem animal e no Sul de 1,4% (338.000), com a média de 83,0 gramas, sendo 50,6 gramas de origem vegetal e 32,4 gramas de origem animal.

O problema mais urgente é, pois, de calorias, ou, em última análise, de deficiência quantitativa de alimentos.

A educação nutricional há de começar pelo esclarecimento sobre o valor dos alimentos, visando a dar ao consumidor a necessária capacidade de seleção. Não adianta, é claro, comer demais se não se ingerem em quantidade suficiente as calorias, proteínas, gorduras, cálcio e outros minerais e vitaminas requeridos pelo organismo e indispensáveis à manutenção da saúde e da vida.

PREPARO DE ALIMENTOS

Também a manipulação e o preparo dos alimentos crescem entre nós de importância, tendo em vista as distorções e erros que os afetam e que comprometem duplamente as classes de renda mais baixa, não somente porque diminuem o valor nutritivo do que ingerem mas ainda porque elevam os custos e os preços dos gêneros de primeira necessidade, reduzindo-lhes, assim, aos mais pobres, o acesso a eles.

Cite-se, a propósito, o caso do arroz, que seria mais barato e mais rico como alimento se o mantivéssemos integral, isto é, se não o submetêssemos à descorticação. Por tal processo, jogamos fora com a sua cutícula 50% dos sais e 85% da tiamina que ele possui, afora imensa quantidade de vitaminas diversas.

Não sei por que não se ensina nas escolas o real valor biológico dos alimentos consumidos na dieta habitual, quando existe tanta deficiência alimentar. E note-se que o arroz, que faz as vezes, no Oriente, do pão e da batata, é o principal alimento de mais de 50% da humanidade e tem consumo bem maior que o trigo e qualquer outro cereal.

O trigo descorticado perde mais de 80% da tiamina e ácido nicotínico, mais de 50% de vitamina B2 e B6 e de ácido pantotênico, 100% de vitamina E, mais da metade de cálcio, de fósforo e de magnésio, além de 2/3 de potássio e parte do ferro que o integram.

Outra mensagem de educação alimentar de grande importância está relacionada com o milho, componente habitual da nossa dieta. Se à sua cocção acrescentássemos cal, como fazem

os índios na América Central e como faziam os Maias, no México, sobretudo o enriqueceríamos, pois nessas condições poderia haver uma melhoria do seu padrão de aminoácidos liberando o triptofano, precursor da niacina, e aumentando o valor biológico da zeína, ou seja, a proteína do milho.

Aliás, a respeito do milho, cumpre destacar que o tipo opaco contém grande quantidade de lisina, que é, como se sabe, um aminoácido essencial à alimentação humana. E o cruzamento do milho opaco com outros tipos produz uma variedade extremamente rica em lisina.

O feijão e o arroz, tão apreciados dos brasileiros, terão aumentado de muito seu valor nutritivo se misturados numa dosagem de sete unidades de arroz para tres de feijão.

A SOJA

Refiro agora especialmente a soja que substitui no Oriente o leite, a carne e o ovo, e é produto gerador de divisas porque lhe exportamos o óleo. Leio esta manhã na imprensa que “países do mundo inteiro, sobretudo do Oriente, estão querendo importar óleo de soja do Rio Grande do Sul”, e que “só uma firma daquele Estado já exportou este ano trinta mil toneladas no valor de oito milhões de dólares”. A soja contém em um quilo 4.600 calorias e a mesma quantidade de albumina existente em 3 quilos de carne de vaca e 5 dúzias de ovos. Lembre-se, aliás, em comparação, que um quilo de carne de vaca magra contém 1.200 calorias e um quilo de leite 670 calorias.

“A soja — diz o Professor Silva Mello, a quem devo muito dos dados que aqui utilizo —, a soja, pelo seu valor nutritivo, pela sua composição, pela qualidade de suas proteínas, pela sua digestibilidade e aproveitamento, é um dos maiores e melhores, senão, talvez, o maior e o melhor de todos os alimentos, superior à maioria dos demais, sobretudo os de procedência vegetal. É o que sabemos hoje, com certeza, pelas modernas investigações científicas.”

Mas a soja não sabe bem ao paladar dos brasileiros, não lhes agrada o seu gosto. Seria o caso, então, de introduzir entre nós certas receitas orientais. Os chineses têm pratos deliciosos, com brotos de soja, camarão, ovos mexidos e presunto. Muda-se com pouca coisa o sabor da soja.

AUMENTO DE CONSUMO

De qualquer forma, é indispensável aumentar o mais possível o consumo de soja, que sobre ser alimento barato e riquíssimo em substâncias nutrientes, tendo sido mesmo o segredo da

resistência física dos soldados alemães e japoneses na última Grande Guerra, “não enfraquece nem esgota o solo, antes o torna mais fecundo e produtivo, pois melhora a produção das plantas que a sucedem como cultura. As suas raízes possuem intumescências especiais, que fixam ao solo o azoto do ar, graças à atividade de determinadas bactérias. O processo é de tal valor que pode ser empregado na recuperação de terras cansadas e esgotadas, assim como na melhoria das prejudicadas por culturas espoliantes. O café entra neste grupo, podendo o cultivo da soja favorecer a conservação e a produtividade das suas plantações, como está demonstrado experimentalmente”.

Em 1968, produzíamos 654.476 toneladas de soja e já em 1970 produzimos 1.508.540 toneladas. O aumento foi apreciável mas, dada a fabulosa importância da soja para a alimentação, o ideal será multiplicar-lhe sempre a produção com os incentivos possíveis, que lhe garantam, sob todos os pontos de vista, condições de cultura altamente remuneradora, sem risco de prejuízo para os investimentos que nela se façam. Não há dúvida que todos os benefícios que nos dispensou o poder público serão farta e duradouramente recompensados, quer no plano nacional, com a melhoria do nível de nutrição do nosso povo, quer no internacional, pois, embora cresça sempre em determinados países a sua produção, “o mundo inteiro continua com falta de óleo vegetal e quer importar o óleo de soja”, conforme leio em publicação recente.

PROPAGANDA

Há, no entanto, necessidade de propaganda no sentido de inserir alimentos como a soja nos hábitos brasileiros. Tão grave é o nosso problema nutricional que todo dinheiro é bem gasto no sentido de conquistar a preferência do nosso povo para a produção e o consumo daqueles gêneros alimentícios que nos assegurem as proteínas e calorias indispensáveis à saúde e à vida.

Enfim, é preciso selecionar os alimentos mais ricos em substâncias nutrientes, desenvolver-lhes e estimular-lhes a produção e adotar novas maneiras de prepará-los para, sem tirar-lhes o valor nutritivo, antes aumentando-o, integrá-los nos hábitos brasileiros. É mais fácil do que criar, em tal campo, preferências novas é manter as existentes, dando aos gêneros de primeira necessidade maior valor calórico e protéico.

QUANTIDADE DE ALIMENTOS

Não se limita o campo da educação nutricional à qualidade dos alimentos nem à forma de cozê-los ou prepará-los, mas se

estende à quantidade deles necessárias ao organismo. Cumpre evitar-se desde logo, a tal propósito, que a intensa e atraente propaganda da sociedade industrial faça com que os bens de consumo durável e não alimentar absorvam o orçamento familiar .

Há quem se alimente mal por falta de dinheiro, há quem se alimente mal por falta de dieta adequada, e ainda há quem, sem maiores recursos, se alimenta mal porque desvia parte substancial de seus salários para aquisição de bens de consumo durável. Quando, recentemente, foi ao Rio Grande do Sul entregar a velhos trabalhadores rurais importâncias correspondentes às suas aposentadorias, o Sr. Ministro do Trabalho e Previdência Social indagou de um deles o que pretendia fazer com tal dinheiro, e de pronto recebeu esta resposta:

— Primeiro, vou comprar um rádio de pilha.

Ainda há dias, uma candidata a emprego de cozinheira em casa de família, nesta cidade, não discutia ordenado e só fazia mesmo uma exigência: levar com ela aparelho de televisão que lhe custara mais de mil cruzeiros.

Entretanto, embora paradoxais, tais preferências oferecem excelente meio de comunicação, que poderá ser contemplado num programa de educação de massas. Os programas educativos são, de fato, mais eficazes quando existe compatibilização entre as necessidades reais e as necessidades sentidas pela população.

REDUÇÃO DE CONSUMO

Os dados do quadro a seguir, obtidos da Comissão Nacional de Alimentação, mostram o nosso consumo aparente de importantes gêneros alimentícios nos últimos três anos, em 1968, 1969 e 1970:

Houve, assim, queda de consumo, entre 1968 e 1970, do trigo, do feijão, do peixe, do leite, da manteiga. De um consumo aparente *per capita* de 58.200 quilos por ano em 1968, o leite passou para 56.845 em 1969 e 55.955 em 1970; o feijão, de 24.382 quilos, em 1968, para 21.370 em 1969, e 21.054 em 1970; o peixe, de 2.956 quilos, em 1968, para 2.401 em 1969 e 2.374 em 1970, ou seja, de 8,1 gramas, por dia, em 1968 (Portugal consome 110 gramas), para 6,6 em 1969 e 6,5 em 1970, respectivamente .

CONSERVAÇÃO

As pesquisas que devem ser feitas dirão melhor as razões da redução do consumo **per capita** desses alimentos. Mas, ao lado da erosão do orçamento familiar, motivada pelos desvios de recursos destinados à nutrição na aquisição de bens de consumo durável e não alimentar, podem-se fixar dois outros fatores determinantes da subnutrição. O primeiro deles é o desperdício, que, nas casas dos mais ricos, deixa ficar nos pratos outro tanto de comida, e, nas casas dos pobres, despreza, como imprestáveis, por falta de educação nutricional, alimentos essenciais à saúde.

O segundo fator é o que diz respeito à conservação dos alimentos. Como já referi em outro pronunciamento, o Sr. K. F. Mc Queen, do Canadá, ressaltou em Conferência na Agência Internacional de Energia Atômica, a que assisti como observador do Senado Federal, que, em algumas áreas do mundo, 50% dos alimentos são destruídos por insetos, microorganismos e pestes, enquanto cinquenta e cinco milhões de africanos poderiam alimentar-se anualmente com os cereais deteriorados ou destruídos por microorganismos somente durante a estocagem. Assim, de cem homens que trabalham nos campos, cinquenta trabalham para nada, ou melhor, trabalham para os agentes da destruição. E, ainda no plantio, o caboclo já diz a cada enxadada, na sua proverbial resignação: “esta é para o patrão, esta é para o Governo, esta é para mim, e esta é para a saúva”.

No entanto, a tecnologia nuclear, aliada às técnicas clássicas, além de promover o aumento da produção, pode preservá-la dos agentes de destruição, dos fungos e bactérias que a atacam e apodrecem.

TECNOLOGIA NUCLEAR

A propósito do Congresso sobre População Mundial, realizado em 1955, sob o patrocínio das Nações Unidas, o Diretor-Geral da FAO, Sr. A. H. Boerma, destacando que a fome e a miséria atingem dois terços da humanidade, acentuou que “é extremamente claro que supremos esforços são necessários, quer no nível nacional quer internacional, para prevenir fomes e sérias faltas de alimentos nas próximas décadas. Não só a produção de alimentos, nas nações subdesenvolvidas, não corresponde ao aumento de suas populações, mas em algumas regiões a produção **per capita** de alimentos tem sofrido declínio. Também a perspectiva de melhoria dos preços agrícolas nos mercados do mundo estão longe de ser promissores”.

Depois de ressaltar que os investimentos de capital, na agricultura, das nações em desenvolvimento, estagnaram ou declinaram durante os últimos anos, o Diretor-Geral da FAO declara:

“Nosso estudo revela a notável variedade de maneiras pelas quais as técnicas nucleares estão ajudando a aumentar a produção de alimentos. Nas áreas da melhoria genética das culturas e da melhoria da nutrição animal, na pesquisa sobre o uso de microorganismos destruidores, as técnicas nucleares já estão em pleno uso.”

Quando há quatro anos atrás visitei a Índia, tive ensejo de ver o milho, o amendoim, o arroz, o trigo, submetidos aos raios gama, sofrerem mutações genéticas que lhes aumentavam o tamanho dos grãos e as colheitas. No caso do trigo, a semente do tipo Sonora 64, levada do México, sofreu mutação até de cor, pois, de vermelho, o grão se tornou amarelo, como é do gosto dos indianos.

INSETOS

Também visitei o laboratório de Seibersdorf, em Viena, da Agência Internacional de Energia Atômica, que cria e esteriliza a chamada mosca-do-mediterrâneo, responsável pelo apodrecimento das laranjas e demais frutas cítricas, e que na América Central chega a dar um prejuízo anual de US\$ 17 milhões, aumentado pelo malefício às indústrias com a destruição da sua matéria-prima. Criadas e esterilizadas em laboratório, aquelas moscas são depois jogadas de avião, em caixas, sobre as plantações, e, cruzando com as moscas já ali existentes, não se reproduzem, o que extermina a espécie. O mesmo se verifica, como já assinalai em outra oportunidade, com a mosca varejeira, que tanto mal faz ao gado.

Os prejuízos que os insetos em geral causam à agricultura chegam a um total de 10% da produção mundial, correspondente a toda produção agrícola dos Estados Unidos. Atingem a 30% as perdas das colheitas de cereais, que são ainda atacados, depois de armazenados, pelos carunchos, os cereais, como o café. Somente no ano de 1968, o caruncho destruiu no Brasil oitocentas mil toneladas de feijão, ou seja, causou um prejuízo de duzentos milhões de cruzeiros —o que podia ter sido evitado pela irradiação nuclear de cobalto 60, sem qualquer possibilidade de modificação de sabor e muito menos de contaminação.

PRODUTIVIDADE

Com tantos erros comprometendo a alimentação há, evidentemente provocada pela desnutrição, a queda do vigor físico, e, em última análise, da produtividade, com o que efetivamente se bloqueia o desenvolvimento econômico, que em conseqüência é também atingido pela decorrente queda do poder aquisitivo do consumidor. Como se sabe, a produtividade depende, entre outros fatores, da mão-de-obra bem alimentada.

Aí está uma das causas fundamentais da nossa disparidade regional. As insuficiências alimentares realmente as incentivam e fortalecem, pois se o desenvolvimento se baseia, em última análise, no homem, e se, no regime social vigente, o homem não tem igualdade de oportunidades para lutar, muito menos terá possibilidade de lutar aquele que, além da desigualdade de oportunidades que enfrenta, não dispõe, por carência alimentar, de condições de saúde e de vigor físico. De acordo com pesquisas da Fundação Getúlio Vargas, a média do consumo diário **per capita** no Sul do País é de 2.772 calorias, enquanto no Nordeste é de 2.207, abaixo, portanto, do padrão internacional mínimo para manutenção da saúde. A média no Leste é de 2.575 calorias, e, em todo o Brasil de 2.566.

Os quadros que junto a este pronunciamento mostram o número de calorias consumidas por dia, em 1960, no Brasil em geral e nas suas três principais regiões.

	1968		1969		1970	
	quilo ano	grama dia	quilo ano	grama dia	quilo ano	grama dia
1) arroz	43,933	120,4	41,551	113,8	47,726	130,8
2) milho	32,083	87,9	35,006	95,9	32,359	88,7
3) trigo	28,463	78,0	29,253	80,1	26,774	73,4
4) açúcar	35,558	97,5	33,776	92,5	51,872	142,1
5) feijão	24,382	66,8	21,370	58,5	21,054	57,7
6) Carnes em geral	22,388	61,3	22,890	62,7	22,749	62,3
7) Carne bovina	16,128	44,2	16,595	45,5	16,135	44,2
8) Ovos	3,819	10,5	4,037	11,1	3,927	10,8
9) Peixe fresco	2,956	8,1	2,401	6,6	2,374	6,5
10) Leite "in natura"	58,200	159,4	56,845	155,7	55,955	153,3
11) Manteiga	0,347	1,0	0,300	0,8	0,295	0,8

Repita-se, para melhor avaliação desses números, que a quantidade de calorias e proteínas necessárias ao organismo é, por dia, de 2.450 e 55 gramas, respectivamente.

A Comissão Nacional de Alimentação apurou em inquérito que em Jaraguá, Santa Catarina, é de 81 gramas a ingestão diária **per capita** de proteínas, enquanto em Touros, no Nordeste, é de 48 e 54 gramas.

Eis por que, no fim de sua vida, o trabalhador da Região Sul do Brasil tem produzido cinco vezes mais que o trabalhador nordestino. E note-se que no clima mais próximo do Equador o esforço desenvolvido no trabalho é bem maior, requerendo, portanto, dado o gasto excessivo de energias, maior volume de calorias, de proteínas e de substâncias vitaminadas que o exigido pelo trabalhador do Centro-Sul. E acrescente-se a esses dados estatísticos, para maior tristeza nossa, que o cortador de cana australiano produz cinco vezes mais que o de Piracicaba, em São Paulo.

DESNUTRIÇÃO

Eu quase diria que a desnutrição gera ou promove a pobreza, porque, reduzindo a capacidade física e mental, impede o bom êxito do trabalho e a conquista do bem-estar.

Da desnutrição afinal resultam aqueles quadros dolorosos que nos Estados Unidos impressionaram Gilberto Freyre, e dos quais ele nos fala no prefácio à 1ª edição de "Casa Grande e Senzala": mulatos e cafuzos do Brasil, marinheiros de um nosso navio chegado a Nova York, mais parecendo "caricaturas de homens" e lembrando a impressão de um viajante americano sobre o nosso País: "the fearfully mongrel aspect of most of the population". Mas em realidade não exprimiam eles os efeitos da miscigenação. Como acentua Gilberto Freyre, depois de citar Roquete Pinto, "não eram simplesmente mulatos ou cafuzos os indivíduos que eu julgava representarem o Brasil, mas cafuzos e mulatos doentes".

E Silva Mello, por cuja obra em favor de uma melhor alimentação para os brasileiros merece a gratidão do País, destaca "na grande massa, na grande maioria da população brasileira, a sua falta de saúde e atividade, todo esse atraso que se revela na sua fraqueza e desnutrição, no seu grau de incapacidade física e mental, no seu estado de ignorância, no seu analfabetismo avassalador e invencível".

DOENÇAS

A queda do vigor físico, motivada pelo subconsumo de alimentos essenciais, enfraquece naturalmente a resistência orgânica e aumenta a vulnerabilidade às doenças, que assim se tornam mais perigosas. O sarampo, por exemplo, que na Inglaterra não tem maior importância, em países subdesenvolvidos, como a Nigéria, é extremamente perigoso, mortal. E quanto a nós, a Organização Pan-Americana de Saúde divulgou recentemente o resultado de pesquisas feitas nas cidades brasileiras de Recife, Ribeirão Preto e São Paulo, pelo qual verificamos que o sarampo constitui neste País verdadeiro flagelo: é a causa principal da morte das nossas crianças até 4 anos de idade. E quando não é a morte são as lesões irrecuperáveis. Ainda há poucos dias, em Guarapari, no Espírito Santo, encontrei em casa de um pequeno lavrador duas mocinhas surdas, mudas e lesas. “Foi o sarampo que as atacou em criança” — disse-me o pai delas.

Recife tem a taxa mais alta das Américas em matéria de mortalidade infantil provocada pelo sarampo: 481 crianças menores de três anos de idade por 100.000 habitantes. Segue-se-lhe La Paz com 299. Considerando que o sarampo ataca na sua maioria crianças de menos de 9 meses a um ano de idade, a Organização Pan-Americana de Saúde sugere a necessidade de fazer-se a imunização contra a moléstia antes dos 9 meses.

Acentue-se que há uma estreita relação entre o sarampo e a deficiência nutricional e que o Recife também apresenta a taxa mais elevada das Américas em mortalidade de crianças até 1 ano de idade, por desnutrição protéica, marasmo nutricional e outros estados de desnutrição: 608 crianças por 1.000 nascidas vivas anualmente. Acrescente-se que a mortalidade infantil por deficiência nutricional protéica-calórica é maior nas áreas urbanas e suburbanas do que nas áreas rurais. Em São Paulo, por exemplo, morrem 559 crianças de menos de 1 ano por 1.000 nascidas vivas anualmente, enquanto em Ribeirão Preto morrem 71 e em Franca, 61.

EQUILÍBRIO NUTRICIONAL

No início da vida é indispensável à criança o equilíbrio nutricional, e, sem as proteínas e a alimentação necessária, sofre ela, ainda que sobreviva, lesões muito graves, como das que encontrei em Guarapari.

Durante a vida, existem períodos em que o ser humano é mais vulnerável às agressões da desnutrição: a idade pré-escolar,

onde é maior a velocidade de crescimento e desenvolvimento, e a fase de maternidade e de lactação.

O crescimento fetal exige do organismo materno quantidades apreciáveis de nutrientes essenciais, como, por exemplo, 950 gramas de proteínas que são sintetizadas no organismo do feto, cuja única fonte é o organismo materno. Por seu lado, a lactação se apresenta como período extremamente importante, durante o qual a mãe, que amamenta, produz diariamente em média 800 gramas de leite e elimina por dia doze gramas de proteínas metabolizadas. Impõe-se, então, a proteção desses grupos, particularmente em nossas condições.

A má nutrição proteíco-calórica representa um conjunto de síndromes clínicas, cujo denominador comum é o atraso no crescimento e no desenvolvimento. Sua manifestação clínica está na dependência da natureza dos fatores causais, da duração da doença e do momento fisiológico em que é atingido o ser humano.

As manifestações mais graves se fazem sentir por duas formas principais: o kwashiorkor e o marasmo.

O primeiro é a predominância da deficiência proteíca sobre a calórica, enquanto que no segundo a deficiência é global, tanto em calorias como em proteínas. Clinicamente diferem, sendo o primeiro sintoma do kwashiorkor a apatia, seguida da despigmentação da pele e dos cabelos e do edema generalizado. O Marasmo é um estado de extremo emagrecimento com irritabilidade, sem edemas, sem tecidos gordurosos, apresentando o quadro que nosso caboclo define como "mal simioto", dada a semelhança com o macaco em que fica a criança.

Etmologicamente, a palavra kwashiorkor deriva do dialeto africano da Costa do Ouro, foi referida pela primeira vez em 1933, pela Doutora Williams, e significa a doença que a criança adquire quando a mãe está grávida.

Durante a gravidez, há uma redução de produção de leite materno. Como consequência, a criança perde sua única fonte de proteínas de alto valor biológico, passando a receber dietas deficientes em qualidade e quantidade, ao tempo que fica vulnerável a grande número de infecções.

Segundo estatísticas de 1961 da Comissão Nacional de Alimentação, no Instituto Fernandes Figueiras, na Guanabara, 22,2% das crianças internadas estavam atacadas de **kwashiorkor**, síndrome pluricausal que apresenta um quadro de subnutrição fatal, com lesões na pele e edemas. Ainda mais grave era a

situação em 1966: em Goiás, a percentagem se elevava a 26,8% (Hospital Nossa Senhora de Fátima, de Mineiros), e no Amapá, a 38,6% (Pavilhão Infantil do Hospital-Geral de Macapá).

Aqui mesmo em Brasília, na cidade-satélite de Sobradinho, ao Centro Nutricional do Professor João Bosco Salomon chegam crianças atacadas de **kwashiorkor**. Impressionante é que têm sido recuperadas com a simples alimentação diária de arroz e feijão, acrescidas de dois ovos por semana.

No Nordeste, o **deficit** total em calorias e o **deficit** parcial em proteínas são apontados como responsáveis pelo crescimento subnormal das crianças a partir do 6º mês de idade.

A cárie dentária é prova evidente dos erros dos nossos hábitos alimentares. Não a sofriam os nossos antepassados mais longínquos, ainda que não utilizassem dentifrícios. Existindo desde há doze milhões de anos, como o **Ramapithecus**, possuíam eles dentes sempre perfeitos.

Embora estejam encontrando resistências que já não vencem, os antibióticos ainda impedem por enquanto moléstias microbianas e parasitárias, mas as degenerativas, fora de sua área de ação e decorrentes, quem sabe?, dos erros alimentares — como as cardíacas, hipertensão, arteriosclerose, as mentais, o diabete, o câncer — estas ampliam e aprofundam cada vez mais o campo de seus malefícios.

ASSISTÊNCIA MÉDICA

As necessidades de assistência médica aumentam no Brasil galopantemente. O atual Governo, com o profundo senso de responsabilidade que o domina, já criou a Central de Medicamentos. Em 1969, o Instituto Nacional de Previdência Social gastava com assistência médica Cr\$ 1.493.673.033,37, que, somados ao que despendia em seguros sociais, alcançavam a cifra de Cr\$ 6.689.277.078,02. Em 1970, o conjunto dessas despesas se elevou a Cr\$ 8.007.111.736,87. Em 1971, somente em assistência médica o INPS gastou cerca de três bilhões de cruzeiros e neste ano de 1972 calcula-se que deve gastar aproximadamente cinco bilhões de cruzeiros.

Tais números, que nos dão a alegria de verificar como os trabalhadores estão sendo bem tratados do ponto de vista da assistência médica, comprovam, todavia, a crescente desnutrição do povo brasileiro, pois é na razão direta do grau de desnutrição que o remédio se faz necessário. A farmácia como que substitui

o mercado, em alguns casos suprindo o organismo das deficiências alimentares e, na maioria deles, combatendo, nem sempre com proveito, através do medicamento, as erosões por elas provocadas. Se se instalam mais farmácias e se as suas vendas aumentam, é porque cresce o número de subalimentados e continuam os erros de nutrição. Recorre-se sobretudo ao remédio, quando não se cuida da alimentação.

Mas cumpre-nos, em vez de apenas enxugar a pia, fechar a torneira que a molha, ou seja, cumpre-nos combater as causas e não os efeitos.

PREVENÇÃO E TERAPÊUTICA

A assistência do INPS está dimensionada somente para os aspectos curativos. Há, no entanto, a considerar também a prevenção das doenças, entendida no seu sentido mais amplo, isto é, tanto a ortodoxa quanto a terapêutica.

Os programas de saúde não dispõem, entre nós, de recursos suficientes para atuar com a mesma intensidade na prevenção e na cura das doenças. Assim, sua ação se resume em combater os efeitos, deixando livres as causas, ou seja, procurando tampar o dique com sabão.

A prevenção é tão cara ou mais cara que a terapêutica, mas seu alcance, se se tem em conta a população por ela beneficiada, é muito maior, vale dizer que ela se torna bem mais barata. Se nós temos nove milhões de doentes, cujo tratamento consome oito milhões de cruzeiros — que é quanto gastou em 1972 o INPS — restam noventa e um milhões de brasileiros que poderiam se beneficiar com esse dinheiro e a isso tinham direito, porque necessitados também, embora em outro plano. Evidentemente, um programa de saneamento beneficia número bem maior de pessoas que o funcionamento de um hospital.

Como exemplo do custo do benefício, aliás, vale comparar um Centro de Recuperação Nutricional com uma enfermaria de pediatria, ou seja, um tratamento comunitário com um tratamento hospitalar. Enquanto na pediatria o leito-dia chega a custar cem cruzeiros, num Centro de Recuperação Nutricional o mesmo resultado que ela oferece pode ser obtido com três cruzeiros, isto é, o preço de um leito de pediatria daria para tratar num Centro mais de 30 crianças desnutridas, ou mais precisamente, 33 crianças desnutridas. Maior alcance teria ainda a ação do Centro se se fizesse suplementação dietética distribuída a domicílio.

Sr. Presidente, Srs. Senadores:

Obediente às exigências regimentais, paro aqui, por hoje, este pronunciamento. Mas a generosidade dos nobres colegas há de admitir aturar-me, mais uma vez, amanhã, para prosseguir nas minhas considerações sobre o problema de alimentação, que se pode considerar o mais grave, o mais urgente, o maior problema do Brasil.



QUADROS A QUE SE REFERE O SR. SENADOR ARNON DE MELLO, EM SEU DISCURSO:

Q U A D R O I

	Total Calorias	Cereais	Raízes Tubérculos	Carne Peixe Ovo	Leite e Queijo	Frutas	Gorduras	Açúcar
Brasil (urbano e rural)	2.566	1.160	329	215	112	107	341	302
Urbano	2.427							
Rural	2.640							
Nordeste (urbano e ru- ral)	2.207	851	541	221	100	99	151	243
Urbano	2.308							
Rural	2.145							
Leste (urbano e rural)	2.575	1.216	269	186	103	97	377	326
Urbano	2.399							
Rural	2.770							
Sul (urbano e rural) ..	2.772	1.354	206	236	133	97	424	322
Urbano	2.497							
Rural	3.057							

CELEIRO DO MUNDO

Sr. Presidente (*):

No meu pronunciamento de ontem, destaquei os efeitos da desnutrição do brasileiro expressos através da falta de saúde, das doenças e da morte. Preocupado com a gravidade da situação o Governo promove a fundação de um Instituto — o INAN — que se encarregará de elaborar e executar o Programa Nacional de Alimentação e Nutrição, visando a acelerar o desenvolvimento econômico, distribuir melhor a renda nacional, pessoal e regional, e reduzir as disparidades sociais.

Nada mais oportuno, nada mais urgente, nada mais importante. O quadro de desnutrição de diversas áreas do Brasil requer providências imediatas, e tão grave é que não as “pede pedindo senão protestando e argumentando, pois esta é a licença e liberdade que tem quem não pede favor senão justiça”, como dizia o padre Vieira no seu famoso sermão de apelos a Deus para salvar a Bahia da invasão holandesa. É problema que afeta a nossa estrutura de nação, a segurança nacional.

Já o descrevi, a esse quadro doloroso, mas não incido em pecado se me excedo no ajuntar-lhe mais alguns números que são cores vivas a realçar-lhe os traços emocionantes.

PESCADO

Falei ontem do peixe, do pescado em geral. Neste País de tantas disparidades, há que registrar a disparidade existente entre o consumo **per capita** do peixe e o da carne. Em São Paulo, os gastos com a compra de carne são dez vezes maiores que os gastos com a aquisição de peixe, embora a pesca seja mais fácil e o peixe mais barato que a carne, já que é o mar que o cria e alimenta enquanto o boi precisa de terras e pastagens e cuidados custosos. Tenho que a disparidade decorre de arraigados hábitos alimentares mas também da deficiência de conservação e da dificuldade de comercialização que bloqueiam o desenvolvimento do pescado e bem podem ser sanadas.

(*) Discurso pronunciado na sessão do Senado Federal de 9 de novembro de 1972, em Brasília.

Ainda a propósito de peixe, tão generoso fornecedor de proteínas, animo-me a lembrar que com medidas simples bem poderíamos ampliar-lhe a produção. Se implantássemos a pesca nos açudes do Nordeste e em nossas represas, teríamos, o maior projeto de produção pesqueira da América Latina, pois somente em Três Marias, eliminadas as piranhas que a habitam, conseguiríamos por ano cem mil toneladas de peixe. Entretanto, produzimos em 1970 apenas quatrocentas e quarenta e nove mil toneladas de peixe, e ainda assim apenas a metade dele chegou à mesa, ou seja, a disponibilidade para o consumo humano foi de nada mais que 226 mil toneladas. (Balanço Alimentar do Brasil — 1972 — pág. 41). Anote-se que o brasileiro come por dia 6,6 gramas de pescado, isto é, dois quilos e meio por ano, enquanto o português e o norueguês consomem 110 gramas por dia, o espanhol, 82 gramas, e o japonês, 77.

APARTE

O Sr. Fernando Corrêa — Permite V. Ex^a um aparte?

O SR. ARNON DE MELLO — Pois não, nobre Senador Fernando Corrêa.

O Sr. Fernando Corrêa — Senador Arnon de Mello, já fiz pronunciamento nesta Casa sobre o consumo da carne pelo homem do interior, estabelecendo mesmo um paralelo a propósito do consumo do peixe. No Brasil, na vastidão do seu território, com a pobreza de recursos médicos e de higiene, o brasileiro instintivamente come mais carne. Como disse Walter Oswaldo Cruz e já repeti neste plenário, o brasileiro instintivamente come mais carne porque a carne bovina, ou seja, carne de animal de sangue quente, tem hemoglobina, tem ferro, e isso nos livra de grande mortalidade pela anemia decorrente da verminose que se alastra por todo o nosso interior. O brasileiro come carne por autodefesa, come a carne bovina que é a que geralmente está ao seu alcance; ao passo que a carne de peixe, ou carne de animais de sangue frio, não tem tanto o ferro necessário à sobrevivência do homem.

O SR. ARNON DE MELLO — Muito obrigado, nobre Senador Fernando Corrêa, pelo seu aparte, que incorporo, com muita honra, ao meu discurso.

PEIXAMENTO DOS AÇUDES

O peixamento dos açudes necessita de pesquisas sérias sobre a ecologia do sistema. O grande problema das águas interiores não é o número de peixes que aí proliferam em dado momento

mas a continuidade ou aumento dessa produção. É preciso, então, conhecer as condições de produção do plancton — fito-plancton e zoo-plancton — fundamental para a alimentação de peixes. Aliás, vale referir que 50% deles são masculinos e 50% femininos, o que gera, a curto intervalo, uma superpopulação e com isso uma super-demanda de alimentos, que precisa ser atendida. Mas para dividir os alimentos disponíveis com a população aumentada, o crescimento dos peixes fica prejudicado, dando como resultado peixes de pequeno porte, de pouco valor comercial.

Há uma tilápia francesa que, por possuir um **gen** letal para o sexo feminino, promove uma limitação natural no crescimento populacional, permitindo, no entanto, maior rendimento em menor tempo. Assim, reduz-se a proliferação mas em três meses pode ser obtido um peixe de aproximadamente três quilos.

Outras fontes proteicas existem naturalmente em nosso meio. Em termos de produção de proteínas, o maior rendimento por unidade de área é encontrado nas lagoas do Estado de Alagoas, **habitat** do sururu, de alto valor proteico e de agradável sabor, o qual aguarda a tecnologia para sua industrialização. O Instituto de Tecnologia de Alagoas, aliás, cuida no momento de fazê-lo, com a cooperação da SUDENE.

FRUTAS E VERDURAS

Senhores Senadores

Falo hoje das frutas e verduras. Possuímos no Brasil imensa variedade de climas e solos, podemos produzir frutas à vontade mas parece que não as apreciamos, não as consumimos como outros países, embora neste particular sem as condições do nosso. Em meio a tantas frutas tropicais extremamente saborosas e baratas que aqui existem, o nosso consumo delas é diminuto, ou seja, 135,9 gramas **per capita**, diariamente, enquanto o suíço ingere 320,1 gramas e o alemão ocidental 274,1 gramas. E não se diga que há no Brasil falta de frutas porque ainda agora até assumimos de novo a posição de grandes exportadores de cítrus.

Considerando que não existe mesmo falta mas até abundância de frutas, o que é preciso é defender a venda delas ou de seus sucos naturais nas cantinas escolares, ou promover a sua distribuição nos programas de merenda escolar, substituindo, assim, os refrigerantes, cujo valor nutricional nem sempre conhecemos.

Quanto a verduras, o brasileiro consome, **per capita** e por dia, 50,8 gramas, quando o americano do norte, neste Hemisfério, consome cinco a seis vezes mais, ou seja, 265,4 gramas, e o suíço,

na Europa, 217 gramas. Persiste entre nós a resistência às verduras, como se fosse desdouro comê-las, e em algumas camadas até se mantém a crendice de que “passa a ser bicho quem ingere folhas”. Em São Paulo, ainda há pouco uma cozinheira dizia, com ares superiores, que era diferente de seus patrões porque não comia, como eles, mato e capim, assim chamados por ela o agrião, o espinafre, a alface e outros legumes que servia à mesa.

Em matéria de alimentos, não se orienta positivamente o brasileiro pelos seus interesses de boa nutrição, deixando de ingerir a necessária quantidade de calorias, proteínas e gorduras. E se analisarmos a situação por regiões, classes sociais e áreas urbanas e rurais, verificaremos que a desnutrição está presente em todas elas, em menor ou maior grau, como no interior do Estado do Rio, Valença, por exemplo, onde formas mais graves de desnutrição foram encontradas, tal o **kwashiorkor** até em adultos, o que é raro. No vale da Ribeira, em São Paulo; em vários pontos de Goiás e no Norte de Minas, na região do Jequitinhonha e de Pirapora, a presença da desnutrição é tão séria como nas regiões do Nordeste.

VASTO HOSPITAL

Dos erros alimentares advém — repita-se — a desnutrição e desta a vulnerabilidade do organismo aos ataques dos germes, bactérias, parasitas, das doenças, enfim.

Como o Brasil já não se encontra deitado eternamente em berço esplêndido e sim devotado a intenso programa desenvolvimentista, não pode ele continuar sendo o vasto hospital da descrição de Miguel Pereira. No entanto, as estatísticas não dizem o contrário e, na sua frieza e nitidez, são a maior condenação ao nosso lamentável estado nutricional. Veja-se: no ano de 1971, o Ministério da Saúde fez em 672 municípios de todas as regiões do Brasil 2,2 milhões de exames de fezes, e o resultado encontrado foi o seguinte: *Áscaris*, 1,3 milhões; *Tricocéfalos*, 0,8 milhões; *Ancilóstomo* ou *Necator*, 0,5 milhões. Ao todo, cerca de 3 milhões de pesquisas positivas, sendo que se encontraram parasitas intestinais em 89% dos colegiais de São Paulo e em mais de 90% dos colegiais do Estado de Goiás.

Do ponto de vista sanitário, ainda hoje, num total de 18 milhões de domicílios, 7 milhões não têm instalações sanitárias, e a situação piorou nestes últimos dez anos. Por outro lado, apenas 2,1 milhões de domicílios, num total de 7,6 milhões, são servidos pela rede geral de água, por poço ou por nascente.

18% da nossa população são afetados pelo bócio endêmico. Excedemos, assim, em 8% o padrão internacional de 10% de endemicidade.

Noite e dia trabalham centenas de dentistas para dar vazão ao número cada vez maior de pessoas atingidas pela cárie, filha dileta da má alimentação.

A desnutrição reduz o período médio da vida, o que, naturalmente, sobrecarrega a economia, porque assim serão mais altos os custos do sustento e educação exigidos pelo homem antes de produzir.

OS EXCEPCIONAIS

No caso dos excepcionais, cujo número se eleva no Brasil a 10 milhões, não computando os que trabalham mas sem eficiência, admite-se que os seus males também decorram das carências alimentares na gestação e na primeira infância.

A correlação da má nutrição com deficiências mentais já foi reconhecida no fim do século passado, com a descrição da pelaga, caracterizada classicamente por três DDD — dermatite, diarreia e demência.

A criança vive período de extrema vulnerabilidade. Observando-lhe o processo de crescimento e desenvolvimento, vemos que, do momento da concepção aos três anos de idade, ela alcança 50% da sua estatura final adulta. Já aos seis anos possui 90% do sistema nervoso central (SNC). É nesta época, quando se observam as maiores velocidades do crescimento, que incide de forma drástica a desnutrição. Pode-se prever então que os resultados desta são bem mais graves que a simples deficiência no crescimento físico. Fato semelhante é possível ocorrer no SNC, e de forma irreversível, produzindo deficiências mentais nem sempre identificadas em momento oportuno.

Se atualmente vivemos uma fase caracterizada por avanços tecnológicos da mais alta importância, que solicitam ao máximo nosso potencial orgânico de funcionamento, pequenas distorções do desenvolvimento mental podem constituir sérios obstáculos ao nosso desenvolvimento sócio-econômico.

A existência desta possibilidade aumenta a importância do controle da desnutrição, que deve receber tratamento privilegiado nos programas de saúde.

APARTE

O Sr. Ruy Carneiro — Permite V. Ex^a um aparte?

O SR. ARNON DE MELLO — Com prazer.

O Sr. Ruy Carneiro — Nobre Senador Arnon de Mello, V. Ex^a acaba de fazer referência no seu brilhante discurso a um assunto da maior importância. Trata-se do problema dos excepcionais. Interrompo V. Ex^a, por alguns segundos, apenas para dizer que, há pouco tempo, pronunciei um discurso sobre a matéria, — aliás, no Dia dos Excepcionais —, formulando apelo ao Chefe da Nação para que a situação desses brasileiros fosse quanto antes resolvida, embora, bem o sei, bastante complexa. Acredito, entretanto, que seja resolvida, como vem ocorrendo com os problemas de relevante interesse para o nosso País. Fui informado, e aqui o citei na oportunidade do meu pronunciamento, que a matéria foi pelo Presidente Garrastazu Médici entregue ao estudo do Coronel Léo Etchgoyen. Confiando no Chefe do Estado, devemos aguardar sejam os excepcionais amparados. Agora, aproveitando a referência do brilhante colega à matéria, quero apenas dar-lhe os meus aplausos pela sua lembrança e mais uma vez fazer apelo ao coração do mais alto dirigente do País para que não esqueça os excepcionais.

O SR. ARNON DE MELLO — Muito obrigado, nobre Senador Ruy Carneiro. Tenho a impressão de que o Presidente Médici acolheu, como merece, a sugestão de V. Ex^a, porque, sendo o problema dos excepcionais também decorrente da desnutrição, dela cuida o projeto governamental submetido ao nosso exame.

ROTINA E CONFORMISMO

Sr. Presidente:

O problema da desnutrição permanece bem vivo, ao longo dos anos, agravado por fatores diversos e gerando outros problemas, que enfrentam não apenas as dificuldades naturais do subdesenvolvimento mas também a rotina cristalizada e o conformismo que Monteiro Lobato tão bem exprimiu em personagem célebre.

O Governo da República considera-o com a devida seriedade, como verificamos do projeto que submeteu ao exame do Congresso Nacional. Assim, não se trata, agora, de mais uma lei a elevar a soma das milhares de leis que fazem tão ampla a nossa constelação legislativa. É um novo diploma para realmente encaminhar a solução do mais grave e também do mais velho

problema brasileiro, porque aqui os descobridores portugueses já encontraram uma população carente de substâncias nutritivas, cujo nomadismo, se não nascia da dificuldade de encontrar alimentos, muito se alentava na procura deles.

O INAN, que elaborará o PRONAN, há de considerar que o combate à desnutrição requer um programa integrado. Será, afinal de contas, como carregar água em cesto cuidar da criança, assegurar-lhe a vida nos primeiros anos, e depois deixá-la entregue à ferocidade das doenças, que disputam ao organismo, até destruí-lo, as calorias, proteínas, gorduras, sais minerais, vitaminas.

O desenvolvimento biológico é imprescindível ao desenvolvimento econômico e não pode afirmar-se se vive assaltado e golpeado pelas enfermidades. Nenhum programa de alimentação terá bom êxito se não alcançar todas as raízes do problema da desnutrição, que não se fixa na criança mas, como um polvo, estende seus tentáculos a todas as idades, cevado, sobretudo, pelas condições ambientais.

A disponibilidade de alimentos a nível da população está bloqueada pelo sistema de armazenamento, transporte e técnicas primárias de exploração agrícola. Tais técnicas limitam também essa disponibilidade a nível de família, que, por sua vez, limita a do indivíduo, em consequência da falta de educação, da redução da capacidade econômica, dos maus hábitos, crenças e tabus alimentares, e do grande número de dependentes. Cada um desses pontos é susceptível de medidas corretivas, e, atuando-se num deles, melhora-se tudo.

ITINERÁRIO

Chamo a atenção dos Srs. Senadores para este ponto: notável nutrólogo mexicano, o Professor Joaquim Cravioto, aponta as raízes do problema, que, ao ver dele, assim se desdobra, em seqüência inarredável, desde o nascedouro:

a) “tecnologia primária”, expressa na falta de meios, nos instrumentos inadequados e superados com que conta o homem para trabalhar, a qual se constitui na causa fundamental da desnutrição;

b) “baixo rendimento” do trabalho, ou seja, reduzida produtividade do homem;

c) “pequeno poder de compra”, de vez que o trabalho não gera os recursos suficientes para dar ao homem maior capacidade aquisitiva;

d) “baixo suprimento de energia”, isto é, falta de capacidade produtiva do trabalhador, por insuficiência alimentar;

e) “precocidade da incorporação da criança ao trabalho, para ajudar a renda da família” — o que lhe impede um desenvolvimento biológico e cultural normal;

f) “baixa escolaridade”, a criança sem tempo para dedicar-se ao estudo;

g) “analfabetismo” dos pais e dos filhos.

CONSEQUÊNCIAS

Aponta o nutrólogo mexicano as conseqüências desses malefícios iniciais da “tecnologia primária”:

h) “pais ignorantes e analfabetos”;

i) “gestações a curto intervalo uma da outra”, transformando a mulher em fábrica de filhos de ritmo acelerado, o que é prejudicialíssimo à mulher e ao filho, pois o organismo da mãe precisa de certo tempo para refazer-se depois de uma gestação, e o filho precisa de substâncias nutrientes em quantidade adequada, que o organismo materno solicitado por gestações sucessivas não lhe pode dar;

j) “falta de cuidados com a criança”; porque a mãe de muitos filhos não os pode atender como preciso nem o pai tem recursos para satisfazer-lhes as necessidades;

k) “pequena disponibilidade de energia para o saneamento ambiental”, pois, com a sobrecarga da família numerosa, não dispõe o pai de forças nem recursos para melhorar o ambiente em que vive;

l) “baixo índice de higiene pessoal e familiar”, não somente devido à ignorância e ao analfabetismo mas também à falta de condições e recursos para promovê-la;

m) “menor resistência a infecções e denças”, o que é óbvio.

Chega-se, então, ao problema da “desnutrição”, gerado por todos esses fatores que se vêm acumulando a partir da “tecnologia primária” e que se agravam com o fator imponderável dos maus hábitos alimentares.

O Poder Público é então cada vez mais solicitado a fazer maiores investimentos no setor saúde para estancar o problema da criança, que, no entanto, se avoluma e agrava. Se não foi ven-

cida a causa fundamental do desequilíbrio, haverá necessidade de recursos cada vez maiores quer no campo da saúde — para combater as doenças — quer no campo da educação — para combater o analfabetismo —, mas sempre chovendo no molhado porque não alcança a solução do problema.

A criança é o fim do ciclo e cuidar dela sem eliminar a causa dos males que a atingem significa — diga-se mais uma vez — o mesmo que carregar água em cesto.

FABRICA DE FILHOS

O Sr. Ruy Santos — Permite V. Ex^a um aparte?

O SR. ARNON DE MELLO — Com muita honra, nobre Senador Ruy Santos.

O Sr. Ruy Santos — Quando V. Ex^a fala na mulher fábrica de filhos, devia, como alagoano, lembrar-se do poema de seu conterrâneo, Jorge de Lima, justamente sobre “mãe operária, fábrica de filhos”.

O SR. ARNON DE MELLO — Muito obrigado pelo seu aparte, nobre Senador Ruy Santos, que muito me comove, sobretudo por ter V. Ex^a referido o grande poeta, que, por sinal, era meu padrinho.

O Sr. Waldemar Alcântara — V. Ex^a me permite um aparte?

O SR. ARNON DE MELLO — Pois não, nobre Senador Waldemar Alcântara, a quem rendo as minhas homenagens pelo estudo que fez do problema, como Relator da Comissão mista do Congresso Nacional incumbida do exame do projeto que cria o INAN.

O Sr. Waldemar Alcântara — Muito obrigado. V. Ex^a vem citando o trabalho do Professor Cravioto, do México, realmente um dos pioneiros na demonstração de que a má nutrição influi sobre o desenvolvimento mental. Embora não tenhamos chegado à conclusão de que seja responsável pelo aumento da incidência de excepcionais, estudos brasileiros — feitos inclusive em Brasília —, demonstraram que há uma correlação muito íntima entre a má nutrição e o desenvolvimento mental e físico. O aumento da incidência de excepcionais por ela motivado não está ainda suficientemente comprovado, mas, na verdade, é uma exploração que deve ser feita com mais profundidade, porque até agora não se conseguiu identificar por que vem aumentando o número de excepcionais. V. Ex^a está versando o problema com

muita segurança. Lastimo que só o tenha feito hoje e não anteriormente, porque assim eu teria subsídios que ilustrariam o trabalho que apresentei ontem.

O SR. ARNON DE MELLO — Nobre Senador Waldemar Alcântara, vejo que V. Ex^a, além de grande médico e grande Senador, é também homem que exercita a ironia. V. Ex^a não precisa dos meus subsídios sobre alimentação, porque V. Ex^a é mestre na matéria e eu apenas discípulo seu.

PRODUÇÃO DE ALIMENTOS

Srs. Senadores:

Vale insistir em que o problema nutricional é prioritariamente de educação. Precisamos elevar o nível educacional do homem de modo a que ele tenha condições de libertar-se da “tecnologia primária”. Precisamos, ao mesmo tempo, ensinar-lhe a selecionar e valorizar os alimentos.

O INAN, com o louvável objetivo de ampliar a distribuição social do produto do desenvolvimento econômico, tem a missão de procurar resolver o problema da desnutrição e melhorar o nível de saúde e vida do brasileiro. As suas preocupações educacionais alcançam sobretudo as camadas mais despojadas de recursos, tanto como os seus objetivos assistenciais se dirigem às crianças do ensino de primeiro grau, às gestantes, nutrízes, lactentes, e seus filhos até 6 anos.

O programa é extremamente amplo, pois que abrange quase toda a população brasileira, presa dos maus costumes alimentares ou da fome e da miséria. Assim, ainda que bem maiores os recursos com que conta o novo Instituto, os resultados de sua ação não corresponderiam a tempo e a hora — tendo em vista a amplitude do programa — às exigências das necessidades agravadas pelos elevados índices de crescimento demográfico, maiores exatamente nas camadas sociais mais humildes e, portanto, mais desnutridas e desamparadas.

INCENTIVOS

Além da necessidade de educar o povo e de assisti-lo do ponto de vista nutricional, o problema requer, por igual, o incentivo à produção de alimentos com o objetivo de reduzir-lhes os custos e elevar-lhes o teor em proteínas e calorias, tudo isto dentro de um ritmo acelerado que responda à urgência reclamada pela gravidade da situação. Com tal incentivo, antes de a cam-

panha alcançar seus efeitos, naturalmente a médio e longo prazo, ou seja, mudar os hábitos alimentares da população, — já se teria, em prazo mais curto, melhorado, em quantidade e qualidade e também em preços, a produção daqueles alimentos já habituais na dieta do povo.

PESQUISAS

A melhoria da produção e do teor nutricional desses alimentos — alimentos locais, como o arroz, o feijão, o milho, a soja, as frutas, os legumes — pede pesquisas que não se limitariam ao estudo da composição dos alimentos nem do tipo de solos em que os obtivéssemos em maior quantidade e melhor qualidade. Examinariam também essas pesquisas as técnicas mais adequadas ao cultivo que se conciliassem com tais objetivos, sempre estimuladas, coordenadas e orientadas para impulsionar os projetos de maior influência no crescimento econômico com vistas ao aumento da produção e à produtividade, por igual considerando as necessidades prioritárias.

O feijão, o trigo, o milho e outros merecem atenções especiais no sentido de resolvermos problemas limitantes de qualidade e quantidade. Mesmo porque tem havido, no Brasil, nestes anos, queda de produção e produtividade de alguns gêneros alimentícios, enquanto o aumento da produção de outros não corresponde à elevação da demanda decorrente do crescimento demográfico (Balanço Alimentar do Brasil — 1968/1970 — ONA).

PRODUTIVIDADE DO FEIJÃO

A produtividade do feijão, por exemplo, vem caindo ultimamente 5% ao ano, e os técnicos não se conciliam no diagnóstico do fato. Os que se dedicam à fertilidade acham que o problema é do solo; os especialistas em proteção de plantas, apontam-lhe como causa a falta de proteção; os entomologistas o atribuem a pragas e doenças, outros técnicos culpam a falta de água, outros opinam que é questão de variedade.

Lembremo-nos, entretanto, de que, se o Brasil terá, em 1975, 109.267.000 de habitantes, e em 1980, 127.770.000, e, se as suas necessidades “per capita” de proteínas totais são de 65 gramas por dia, precisaremos daqui a 3 e 8 anos de, respectivamente, 7.102.355 e 8.305.050 de toneladas métricas de proteínas — o que bem demonstra a urgência e importância das pesquisas agrícolas.

O Sr. Ruy Santos — V. Ex^a me concede outro aparte?

O SR. ARNON DE MELLO — Dou o aparte ao nobre Senador Ruy Santos.

O Sr. Ruy Santos — No São Francisco, que V. Ex^a conhece muito bem, a vida do remeiro são-franciscano é passada no rio, levando as barcas à vara quando não há vento, alimentando-se apenas de jacuba, que é uma rapadura com água e farinha.

O SR. ARNON DE MELLO — Acolho com muita honra o aparte de V. Ex^a, nobre Senador Ruy Santos, que é médico e bem conhece o problema, melhor evidentemente do que eu.

DESENVOLVIMENTO ACELERADO

O desenvolvimento industrial pode ser feito por saltos. Industrialmente é fácil viver aos saltos como o canguru: basta adquirir máquinas melhores ou mais sofisticadas e importar “know-how”. Na agricultura, porém, é diferente, não podemos desenvolver nada sem considerar o nosso clima, o nosso solo, as nossas variedades vegetais, os fertilizantes, enfim as condições locais que limitam a nossa capacidade de produzir e não nos permitem avançar aos saltos.

Com a tecnologia nuclear, entretanto, podemos colocar a agricultura no plano do desenvolvimento acelerado, isto é, aos pulos. As técnicas clássicas, por exemplo, levam três a quatro anos para realizar pesquisas que a tecnologia nuclear apressa. E a tecnologia nuclear não muda as técnicas clássicas, antes se junta a elas, faz as vezes da gasolina azul.

CENA

Sr. Presidente:

Já em Piracicaba, São Paulo, há o Centro de Energia Nuclear para Agricultura — CENA — da Escola Agrícola Luiz de Queiroz, que trabalha em convênio com a Comissão Nacional de Energia Nuclear e com o apoio da Agência Internacional de Energia Atômica. Tive oportunidade há poucos meses de visitá-lo demonstradamente, e me impressionaram suas pesquisas agrícolas, todas de interesse fundamental para o Brasil.

Ainda este ano iniciou o CENA um programa para melhorar o feijão, que é a nossa principal fonte de proteínas, pois 76% da nossa população se alimenta dele com arroz. São diversos os tipos de feijão que o Brasil produz e consome. Em São Paulo,

é o feijão mulatinho; na Guanabara, é o feijão preto, no Nordeste é outra variedade, como outra é no Rio Grande do Sul, algumas afirmando-se pela quantidade de proteínas, mas não oferecendo boas condições de digestibilidade. Produzir mais e melhor há de ser o lema da nova campanha alimentar. Por isso é que o CENA coleciona e estuda as variedades de feijão, visando a obter, através das mutações genéticas, aquele tipo que satisfaça ao paladar do brasileiro e ao mesmo tempo possua mais substâncias nutrientes e tenha melhor digestibilidade.

As pesquisas não se restringem à fertilidade dos solos, à sua adubação, e sim alcançam as características deles, para dispensar-lhes o tratamento que promova a maior produtividade. A terra roxa de São Paulo, por exemplo, é ansiosa de fósforo, mas, recebendo-o, fixa-o avaramente, não o dá à planta, e há que corrigir-lhe o defeito.

Com as pesquisas bioquímicas ligadas ao nitrogênio, faz o CENA estudos de microbiologia, preocupado com os microorganismos do solo, que fixam o nitrogênio da atmosfera e o transformam em compostos nitrogenados, absorvidos pelas plantas. Estudam-se então as variedades de microorganismos para melhorar os compostos.

Fazem-se também estudos rigorosos das pragas do feijoeiro.

As pesquisas do CENA visam a localizar o "x" dos problemas agrícolas.

POTÊNCIA AGRÍCOLA

Srs. Senadores:

Bem considero a fabulosa importância da agricultura. Habitou-se minha geração a ouvir, ligada ao nome do nosso País, a expressão "eminentemente agrícola", contra a qual protestavam os que defendiam a industrialização "à outrance". Mas a verdade é que, pela diversidade de solos e de climas, propícios à produção de infinita variedade de alimentos, somos o único País capaz de constituir-se no celeiro do mundo, pois a África, que poderia competir conosco, não está em condições de fazê-lo.

Recordo neste ensejo a carta de Pero Vaz Caminha, comunicando a descoberta do Brasil a El-Rei Dom Manuel, o Venturoso: a terra "em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo". E lembro que há poucos anos, na minha

pequena Alagoas, havia centenas e centenas de hectares de tabuleiros considerados improdutivos que, fertilizados e experimentados no plantio da cana-de-açúcar, por iniciativa do pernambucano Benedito Coutinho, são hoje terras dadivosas que produzem até cem toneladas de cana por hectare, quando antes, na várzea, obtínhamos de 40 a 50 toneladas.

Eu quase diria que potência agrícola é tanto quanto ou mais do que potência atômica. Realmente, que Nação poderosa iria usar a bomba atômica para destruir um País produtor de alimentos? Todas as nações, grandes e pequenas, precisariam do celeiro do mundo e teriam mesmo interesse e empenho em preservá-lo.

EMBRAPA

Saúdo, por isso, com entusiasmo, Srs. Senadores, a iniciativa do Sr. Ministro da Agricultura, que acaba de assinar portaria criando o grupo de trabalho incumbido de orientar a implantação do Sistema Nacional de Pesquisa Agropecuária e da Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias, EMBRAPA, que garantirão — segundo S. Ex^a — “a manutenção da taxa de crescimento anual no setor agrícola em torno de 7 a 8%”.

Tais órgãos darão suporte ao Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição que, lançado pelos Srs. Ministros do Planejamento, Saúde e Educação, carece realmente do apoio do Ministério da Agricultura para poder bem executar o programa a que se propõe. A educação nutricional e a assistência alimentar — atividades essenciais do INAN — terão tanto maior êxito quanto mais se amplie a produção agrícola. É indiscutível não somente a importância, mas também a urgência da implantação dos novos organismos anunciados pelo Sr. Ministro da Agricultura, os quais não de evidentemente utilizar os instrumentos de desenvolvimento dos novos tempos, à frente a tecnologia nuclear, tanto quanto, na época presente, se recorre ao computador e não a pena Mallet para instalar a escrituração de uma empresa.

MINISTÉRIO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA

O Sr. Osires Teixeira — Permite V. Ex^a um aparte?

O SR. ARNON DE MELLO — Com muito prazer.

O Sr. Osires Teixeira — Nobre Senador, estou ouvindo com a máxima atenção a exposição de V. Ex^a E quando V. Ex^a enfaticamente anuncia as maravilhas da criação do Grupo de Trabalho para estudo dos problemas relativos à nutrição e à produ-

tividade, eu, conquanto louve o Governo nessa sua iniciativa, mais me convenço de que está passando da hora de se pensar efetivamente na criação do Ministério da Ciência e da Tecnologia. A cada arrancada governamental no sentido da solução desse ou daquele problema brasileiro, necessariamente precisa-se de estudos aprofundados, de análise de fatos anteriores, de comparações, a fim de se encontrar o denominador comum capaz de alcançar as soluções efetivas. Num País que cresce como o Brasil, são precisos cálculos de extrapolação, e todos os nossos pronunciamentos são sempre cálculos de extrapolação para 1975, 1980, etc. A cada dia que passa, mais organismos de estudos são implantados, quando, se criássemos o Ministério da Ciência e da Tecnologia, todos esses grupos de trabalho, todos esses institutos de estudo se concentrariam num só, e acredito piamente que os resultados seriam bem mais efetivos. Conquanto louve a providência governamental — repito —, entendo que ela mais reforça nosso pensamento da criação do Ministério da Ciência e da Tecnologia.

O SR. ARNON DE MELLO — Nobre Senador Osires Teixeira, somos irmãos de opa, pertencemos à mesma confraria. Há quatro anos pronunciei, aqui no Senado, discurso em que defendi exaustivamente a implantação do Ministério da Ciência e da Tecnologia. Como V. Ex^a, ilustre representante do Estado de Goiás, penso também que devíamos criar esse Ministério.

PONTO PACÍFICO

Sr. Presidente:

Mais me alonguei neste meu pronunciamento para realçar como é fundamental a pesquisa na agricultura e como é necessária a tecnologia nuclear para o aumento da produção e da produtividade agrícola, essenciais à solução do problema alimentar.

É hoje ponto pacífico que o desenvolvimento de um país se mede pelos seus níveis de nutrição, ou melhor, o seu consumo de calorias e proteínas indica o grau de avanço de sua economia, que sofre diretamente a influência da capacidade produtiva, do poder aquisitivo e do estado alimentar das populações.

Não se pode, assim, deixar de reconhecer a estreita relação existente entre a produção e o consumo de gêneros alimentícios e o desenvolvimento econômico e social. Daí, a extraordinária importância da agricultura, fonte geradora desses gêneros e promotora do bem-estar.

Não é a indústria, mas a agricultura que há de vencer as ameaças de fome que pesam sobre a humanidade. Desenvolvendo-se em termos dos novos tempos, com a utilização da moderna tecnologia, responderá por certo a agricultura aos desafios da falta de alimentos que antes mesmo da maior explosão demográfica já preocupava e amargurava o mundo. Assim acelerado, de par com a educação nutricional, o desenvolvimento agrícola é sem dúvida o alicerce da sociedade de bem-estar que a industrialização completa e fortalece.

O BRASIL CUIDA

Já ontem à tarde aprovamos na Comissão Mista o projeto de criação do Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição, nos termos do substancioso parecer do nobre Relator Senador Waldemar Alcântara, que se entregou a fundo ao estudo do problema, dando notável contribuição ao seu equacionamento e solução.

Como foi anunciado pelo Sr. Ministro da Agricultura, teremos em breve a Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias e o sistema nacional respectivo, que darão suporte à ação do INAN.

O Brasil cuida, assim, acertadamente, das bases do seu desenvolvimento e mais do que isso da sua infra-estrutura de nação. O problema alimentar merece a melhor atenção não só do Governo mas de todos os cidadãos, pois a ele se liga o nosso próprio futuro. E os debates em torno do projeto submetido ao exame do Congresso Nacional demonstrarão em breve a importância que lhe emprestamos, nós, homens públicos.

O CELEIRO DO MUNDO

Mas, ao mesmo tempo, estamos cuidando de um problema que também interessa ao mundo. Instalou-se esta semana em São Paulo a VIII Conferência Latino-Americana de Produção de Alimentos, com a participação de cientistas de nível internacional, como o Dr. Norman Borlaug, Prêmio Nobel da Paz. Leia-se o que disseram — e foi publicado pela imprensa — os cientistas de renome mundial integrantes da Conferência:

“Nós nos reunimos aqui para evitar a fome já no ano que vem, aumentando a produção de alimentos e não tentando fazer baixar a taxa de natalidade. Enquanto a população cresce na América Latina à taxa de 2,9%, a

produção de alimentos cresce a 2,5%. Nosso objetivo é trocar informações e experiências no sentido de elevar a produção.”

“Temos a tecnologia e não seremos detidos pelas condições climáticas; resta enfrentar os ecologistas mal avisados e levar os governos a criar condições de distribuição do aumento de produção que somos capazes de realizar. Os Estados Unidos produzem muito mas distribuem mal; a União Soviética distribui melhor mas produz menos.”

“Dos 3 bilhões de habitantes da terra neste momento, mais da metade morrerá prematuramente por causa da fome.”

“Dentro de dez anos, as áreas subdesenvolvidas terão cinco vezes mais bocas para alimentar, sendo que em 1980 a população mundial terá crescido para 4,2 bilhões. Chegaremos ao ano 2.000 com 6,5 bilhões de pessoas, o que nos forçará a duplicar a produção de alimentos, dentro dos próximos 30 anos a fim de manter a situação atual que é de fome.”

“Temos na Ásia, China, África e América Latina um total de 2 bilhões de habitantes, isto é, dois terços da população mundial, e, no entanto, somente 55% do total de suas terras são cultivadas.”

Tais palavras nos fortalecem na determinação de luta e nos convocam ao dever de empenhar todos os nossos esforços no sentido de desenvolvermos a agricultura e sermos realmente o celeiro do mundo.

**POVO SUBALIMENTADO É
POVO SUBDESENVOLVIDO**

Senhor Presidente (*)

Há poucos meses atrás, por duas vezes ocupei esta Tribuna para falar a respeito do projeto de lei que criava o Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição, submetido ao exame do Congresso Nacional pelo Senhor Presidente da República. Tive, então, oportunidade de tecer comentários sobre a extremamente difícil situação do povo brasileiro em matéria de alimentação e nutrição, ressaltando a imensa importância do projeto e manifestando minha confiança em que o programa que em decorrência dele seria instituído — o PRONAN — atenderia às exigências requeridas pela solução do grave problema.

O PRONAN

Conforme li nos jornais desta manhã, o Primeiro Programa Nacional de Alimentação e Nutrição — PRONAN —, que terá a duração do Plano Nacional de Desenvolvimento, ou melhor, vigorará até 31 de dezembro de 1974, e será continuado pelo segundo, a vigorar de 1975 a 1979, foi instituído ontem pelo Chefe da Nação. Respondendo aos apelos da realidade brasileira, o PRONAN orientará, coordenará, estimulará e aperfeiçoará os esforços públicos e privados “no sentido de elevar os padrões alimentares e nutricionais da população brasileira”.

Concorre, assim, o PRONAN para:

- a) reduzir a taxa de mortalidade, causada pela desnutrição;
- b) minorar a incidência de deficiências físicas, mentais e sensoriais decorrentes da desnutrição;
- c) diminuir a freqüência de doenças parasitárias e carenciais alimentares específicas ligadas à desnutrição;
- d) elevar os índices de aproveitamento escolar, inclusive pela redução das taxas de evasão e reprovação na escola; e

(*) Discurso pronunciado na sessão do Senado Federal, em Brasília, no dia 3 de abril de 1973.

e) aumentar a produtividade da força-de-trabalho e melhorar as condições de acesso do homem na escala social.

Em tais condições, serão alcançados os seguintes objetivos:

a) proteger e valorizar os recursos humanos em formação, sobretudo os dos grupos materno-infantil e escolar;

b) orientar a população em geral a selecionar e utilizar mais adequadamente os alimentos disponíveis, contribuindo para um melhor equilíbrio do orçamento familiar;

c) combater as carências nutricionais de maior disseminação e mais graves conseqüências sobre a saúde pública e o desenvolvimento econômico-social;

d) incrementar a produção de alimentos essenciais, principalmente os de maior valor proteico, cuja demanda deverá ser intensificada com as atividades do próprio PRONAN e a aceleração do progresso econômico do Brasil; e

e) desenvolver a tecnologia do processamento de alimentos de elevado valor nutritivo e incentivar sua industrialização, com o propósito de aumentar as suas disponibilidades, reduzir os custos respectivos e atender às necessidades nutricionais não só dos grupos assistidos pelo PRONAN, mas também da população em geral.

De acordo com essas finalidades e esses objetivos, o PRONAN promoverá:

a) a assistência alimentar e a educação nutricional;

b) a recuperação de desnutridos;

c) o controle médico-social dos beneficiários de suas atividades de assistência alimentar; e

d) a pesquisa e a produção de alimentos essenciais.

No período 1973/1974, o PRONAN visará às metas principais seguintes:

1 — prestar assistência alimentar a 315.000 e 345.000 gestantes e nutrízes, 1.600.000 e 1.760.000 lactentes e pré-escolares, e 11.000.000 e 12.000.000 escolares matriculados em estabelecimentos oficiais de ensino de primeiro grau, respectivamente em 1973 e 1974;

2 — proporcionar educação nutricional à população brasileira em geral, através dos meios de comunicação de massa e de iniciativas voltadas especificamente para os beneficiários da assistência alimentar;

3 — promover a recuperação de desnutridos;

4 — concorrer para o combate a carências nutricionais específicas, sobretudo a protéico-calórica, as anemias ferroprivas, as avitaminoses e o bócio endêmico, bem como contribuir para o aumento da resistência das populações assistidas a doenças infecciosas e outras;

5 — promover, incentivar e orientar a pesquisa científica e tecnológica, alimentar e nutricional; e

6 — contribuir para estimular a produção de alimentos essenciais à dieta humana.

Para a consecução das metas acima, são indispensáveis as providências adicionais seguintes:

1 — realizar estudos, pesquisas e análises sobre a situação alimentar e nutricional brasileira que sejam necessários à formulação, execução e avaliação do PRONAN, de seus subprogramas e projetos; e

2 — promover o recrutamento e o treinamento do pessoal indispensável ao funcionamento do INAN e à execução do PRONAN, seus subprogramas e projetos.

PIONEIROS

Transcrevi de propósito vários tópicos do 1º PRONAN para melhor destacar sua importância. Vê-se que através dele somos pioneiros na enunciação de uma política integrada de nutrição, abrangendo todos os setores a ela ligados. Realmente, pela primeira vez no Brasil e no Mundo sub-desenvolvido surge um programa de tal gênero. O que há na América Latina, por exemplo, como na Índia e na África, são institutos de pesquisa, projetos pilotos limitadíssimos. Somente na Colômbia existe um programa de maior importância mas sem a amplitude do nosso. O PRONAN é um gigante que alcança todos os pontos fundamentais da nutrição.

PROGRAMA REALISTA

Anote-se, por outro lado, que as iniciativas aqui tomadas em tal setor eram baseadas em alimentos importados do estrangeiro ou de outras regiões do país. E enfrentavam problemas de transporte, que encareciam o produto, como o bacalhau da Noruega e o leite em pó, e problemas de modificação dos hábitos alimentares das populações. Enquanto isso, o PRONAN vai desenvolver a produção de gêneros locais e de mais valor nutritivo, de mais proteínas vegetais, de custo mais reduzido, e de calorías.

Ele não tem nada de mirabolante. Não pretende estimular a pecuária de corte nem a produção de leite mas desenvolver a agricultura de subsistência. É um programa realista, que vai ser aplicado com recursos nossos, não depende de ajuda externa, como o atual de alimentação escolar, cujos recursos vêm em 80% do exterior.

Além disso, não é paternalista, não faz doação de alimentos. Ao contrário do que anteriormente se verificava, todo alimento vai ter seu preço, que será o que o consumidor puder pagar, ainda que seja pagamento bem reduzido, simbólico. Com tal providência, calcula-se que obterá cerca de setenta milhões de cruzeiros.

Destaque-se que o PRONAN disporá de uma dotação de 450 milhões de cruzeiros para aplicar em 1973. Tem-se idéia do que isso representa, se se disser que em tal setor o máximo que até hoje o Governo Federal despendeu foram 40 milhões de cruzeiros, ou seja, menos de dez por cento da importância destinada este ano ao PRONAN. E anote-se que esta será gasta em nove meses, vale dizer que corresponde este ano a 600 milhões de cruzeiros, ou seja, cem milhões de dólares.

Não há dúvida que é apreciável a soma de recursos agora alocados ao PRONAN, sobretudo tendo-se em vista o que anteriormente se despendia com o problema. Mas convenhamos em que ela é pequena demais se se considera o infinito das necessidades alimentícias e nutritivas das nossas populações mais pobres. É de esperar, portanto, que as verbas do PRONAN sejam substancialmente elevadas mais para diante.

QUATRO CAPÍTULOS

Destaque-se que o Primeiro PRONAN é constituído de quatro capítulos e cada qual de maior importância. O primeiro é o de assistência alimentar aos grupos vulneráveis, mais sujeitos aos assaltos da desnutrição e das doenças por ela provocadas.

O segredo refere-se à educação nutricional, não só especificamente aos grupos vulneráveis mas também à população em geral.

O terceiro atuará diretamente no setor de produção de alimentos essenciais, e se divide em dois tipos: o primário, da agricultura; e o secundário, da industrialização.

Em convênio com a ABCAR e mesmo com o INCRA, o INAN promoverá cursos, um dos quais se iniciará em Recife no próximo mês — e estimulará a produção de feijão, milho, arroz e hortigranjeiros, incentivando a implantação de hortas escolares e familiares, em número de sete mil hortas para este ano.

Finalmente, o PRONAN cuidará da pesquisa dos alimentos e do seu diagnóstico e do treinamento do pessoal.

REVALORIZAÇÃO DAS NOSSAS FRUTAS

Cuida o PRONAN de revalorizar a fruta indígena. Em nosso território imenso, muita árvore frutífera é desconhecida e os seus frutos não se comem, apodrecem. Aproveitamos talvez pouco mais de uma dúzia das nossas frutas nativas. Há por exemplo no Pará o bacapa, cujas qualidades não se conhecem. Em Goiás já se aproveita o piqui, que se come com arroz e é a carne frutífera. Todas essas frutas, desconhecidas ou limitadas ao consumo local, vão ser analisadas pelo PRONAN e atrairão naturalmente o consumo nacional.

Aqui mesmo em Brasília existe uma chácara com 70 árvores de frutas diferentes mas de consumo reduzidíssimo num país em que o problema de alimentação e nutrição ganha cores verdadeiramente negras.

Depois de analisar tais frutas, o PRONAN divulgará folhetos com informações a respeito de cada uma, desde o seu valor alimentício até a maneira de comê-las.

SUGESTÕES

Congratulando-me com Sua Excelência o Senhor Presidente da República pelo seu ato, de tão profunda significação para o futuro do povo brasileiro, estimaria juntar aos meus aplausos duas sugestões que por certo já devem estar sendo devidamente consideradas pelo Governo.

Tão importante considero o Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição que me parece deveria ele ser empresa pública, em vez de autarquia vinculada ao Ministério da Saúde. Como empresa pública, o INAN ficaria mais livre para atuar e cumprir as suas finalidades. Dispositivo do Decreto-lei nº 200 exige que a empresa pública deva exercer atividade econômica, e não me parece que seja difícil ao INAN exercê-la.

Outra sugestão que me animo a fazer é referente à assistência alimentar ao trabalhador. A medida seria talvez prematura se inserida no PRONAN, porque poderia criar uma super expectativa entre os trabalhadores. Mas seria o caso de estudar a possibilidade de tomá-la, pois boa alimentação é produtividade. Evidentemente não se poderiam construir restaurantes em todas as fábricas, o que exigiria numerosos nutricionistas, mas seria possível implantar cantinas nas fábricas ou cozinhas centrais, que distribuiriam aos trabalhadores refeições, acondicionadas em plástico, e levadas por Kombis, por exemplo.

Em portaria recente, de há dois meses, se bem me lembro, o Senhor Presidente do INPS estabeleceu que o empregador que forneça refeição ao empregado pode, para compensar-se da despesa, deduzir uma percentagem do que tem de pagar ao Instituto. Contratando com o empregador o fornecimento de refeições, o INAN estaria cumprindo uma de suas finalidades precípuas.

Senhor Presidente:

Não é preciso repetir que alimentação se liga à educação. O programa é excepcionalmente bom mas vale acentuar a importância do seu relacionamento com uma campanha educacional, já aliás projetada, que ensine aos brasileiros o valor dos alimentos. Tivemos há pouco tempo a campanha de limpeza da cidade, com o Sugismundo, e alcançamos excelentes resultados. Creio que uma campanha em favor da boa alimentação terá ainda melhores resultados, pois toca o interesse mais direto de cada um de nós. Quem não se sensibilizará com o conhecimento do valor dos alimentos, da quantidade de calorias e proteínas de que precisa o nosso organismo, das vitaminas e sais minerais necessários à manutenção da saúde e da vida?

Senhores Senadores:

Antes de concluir, cumpre ressaltar ainda que pela primeira vez no Brasil se abrem as portas para que todas as forças vivas da Nação possam atuar no campo alimentar. Até agora, quem quer que se dispusesse a fazê-lo não tinha um órgão a que se dirigir.

A política do INAN, frize-se por fim, é uma volta às origens. Não queremos pós mágicos nem alta tecnologia para encaminhar a solução do grave problema alimentar do povo brasileiro. Queremos apenas sacudir a árvore, e os frutos cairão.

Povo sub-alimentado é povo sub-desenvolvido. E nós, que estamos saindo do sub-desenvolvimento, não podemos deixar de considerar um problema de cuja solução depende o desenvolvimento.



SENADO FEDERAL
CENTRO GRÁFICO

